

## A CÓLERA-MORBUS

Vittorio Bergo  
Colégio Pedro II

Deve-se aos franceses, além de outras ingerências em nosso idioma, a masculinização do substantivo **cólера**, feminino pela origem (latina, adaptação do grego), pela estrutura (desinência em a) e até pela significação (ira ou doença física).

Após haverem incorporado em seu léxico usual a palavra **colère**, produto de evolução natural de **cholera**, aditaram eles ao seu glossário científico a forma íntegra **cholera**, assim alatinada quanto à escrita mas idiomatizada quanto à pronúncia, além de traspassada ao gênero masculino.<sup>1</sup>

O fato se explica, mas não se justifica, pela interferência do substantivo masculino **morbus**, que lhe foi aposto como distintivo, ou seja, para diferenciar **le cholera morbus = maladie bilieuse**, de **la colère = ire ou courroux**.

Etimólogos franceses não dão exemplo de que se tenha usado **cholera** em latim no gênero masculino. Na língua de Cícero o que pode ter ocorrido é dizer um médico "**ille morbus cholera**", tomando **cholera** por aposto, ou, então, "**illa cholera morbus**", com aposição do substantivo **morbus** em função adjetiva. É como se disséssemos nós "**o mal de Kock, cólera**", ou "**a cólera, mal de Kock**".

Associando mentalmente a **cholera** a idéia do masculino **morbus**, poderia ele dizer **ille morbus** separadamente, e, daí, tomar **cholera** por masculino numa espécie de sínese ou silepse de gênero.

Na *Retirada da Laguna*, obra amplamente divulgada, escrita em francês, em 1868, por Alfredo d'Escragolle Taunay e traduzida por seu filho Afonso d'Escragolle Taunay,<sup>2</sup> há uma como reconstituição, em português, do processo pelo qual se veio a usar como masculino o vocábulo **cólера**. Lê-se ali, por exemplo, o seguinte:

"Supusera-se, a princípio, que seria mero caso esporádico; e sobre o fato se guardara segredo, nada se podendo fazer, tudo nos faltando para **dominar o morbo**." (p. 110).

E mais:

"Supunham alguns fosse o inimigo o **veiculador do morbo**." (p. 111).

Dizer **o cólera morbus** é desacatar a norma gramatical, seja em latim, seja em português. Não é o aposto, e sim o fundamental, que determina a concordância do artigo.

Dir-se-á que **morbo** passou a integrar o substantivo composto **cólера-morbo**. Pois ainda neste caso prevalece o primeiro elemento, que, sendo feminino, exige o artigo **a**. Por isto se diz em português: **a cobra-coral, a mulher-homem, a palavra-tema, a cólera-morbo...**

Aliás não há necessidade de qualquer artifício para discernimento do sentido, pois este se patenteia pelo contexto ou pela situação.<sup>3</sup>

Lemos num jornal a seguinte manchete:

## "CÓLERA JÁ CHEGOU À FRONTEIRA DO BRASIL".

Nem do articular se cogitou. A situação de expectativa causada pela irrupção da epidemia no Peru não permitiu sequer supor que se tratasse de simples manifestação de ira.

Temos caso idêntico no substantivo **raiva**, do latim **rabia**, variante de **rabies**, que se usa tanto para designar **fúria** como **hidrofobia**, sem que haja necessidade de dizer o **raiva** (mal) e a **raiva** (sentimento).

É possível que o francês tenha induzido o profuso dicionarista luso Frei Domingos Vieira, além de outros, a incluir no *Tesouro da Língua Portuguesa* o composto **chólera-morbus** para designar **doença endêmica**, com a nota de **Termo Médico**, além da simples e já aclimada variante **cólera** como sinônimo de **ira**. Mas não se esquivou ele a cândida incoerência, pois também esta última teve ele por **Termo Médico** (com maiúsculas).

Semelhantemente ao que se deu em França, a Real Academia Espanhola discriminou pelo gênero as duas citadas acepções de **cólera**, todavia sem lhes duplicar a ortografia.

A Academia Brasileira de Letras teria anuído por sua vez à posição da francesa, no que toca à duplicidade genérica, ao aprovar o *Dicionário* encomendado ao Professor Antenor Nascentes, cujos originais lhe foram apresentados em 1943. Ao publicar, porém, logo depois, o *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, veio a retroceder, recomendando por exato o gênero feminino, ao registrar a palavra.

Também Aurélio Buarque de Holanda se valeu da discriminação genérica segundo o sentido.

Como se vê, são respeitáveis os sectários da doutrina francesa, mas não têm número os autores que, com boas razões, insistem em manter intacta a tradição do vernáculo.

Importa ainda considerar que, ao invés de uma concepção generalizada, os dicionários não são por natureza normativos, dada a preocupação que têm seus autores de facilitar a compreensão de qualquer texto. Por isto registram além de construções excepcionais usadas por autores de nomeada, também expressões suspeitas de autores menos precavidos.

O acreditado dicionarista Antônio de Moraes Silva e não poucos de seus sucessores foram fiéis à origem latina da palavra **cólera**, registrando-a no gênero feminino independente de sua significação.

Se se tocar em grego, porque de **choléra** provém o latim **cholera**, fonte das línguas românicas, advertiremos que também no idioma de Homero tem a palavra o gênero feminino. É o que consta dos dicionários respectivos, em que, aliás, o sentido de **doença** se enuncia em primeiro lugar. E os helenistas Ramiz Galvão, brasileiro, e José Inez Louro, português, não ensinam outra cousa. Esta é, em suma, a convicção que manifestam, no Brasil como em Portugal, os filólogos, gramáticos e escritores mais identificados com a língua.<sup>4</sup>

Dos nossos dicionários etimológicos, o de Nascentes (1932) omite o gênero, mas já se revelou a opinião do autor; o de Antônio Geraldo da Cunha (1982) consigna regularmente o feminino.

Não há supor que algo tenha obstado à transição, do latim para o português, da palavra **cólera**, observadas as naturais alterações, que no caso se cifraram à ortografia. Chegou-nos ela intacta quanto à classe, à significação e ao gênero. Mudar-lhe este é, portanto, descaracterizá-la. É mero galicismo.

## NOTAS

1. É de notar que, ao registrarem em seus Dicionários a época do aparecimento do vocábulo **cholera (morbus)** em França, os reputados etimólogos Alberto Dauzat, Oscar Bloch e W. von Wartburg não fizeram a menor referência ao gênero masculino.
2. *A Retirada da Laguna*, de Alfredo d'Escragnoille Taunay, Visconde de Taunay, traduzida pelo filho do A., Affonso d'Escragnoille Taunay, 37º milheiro, Companhia Editora Melhoramentos de São Paulo, 1928, encerra os acontecimentos principais da campanha do Paraguai e narra as dificuldades da luta, agravada com o surto da cólera.
3. Justificando a adoção do gênero masculino atribuído a **cólera**, em nota a carta na qual certo leitor de *O Globo* estranha no jornal tal uso, aliás em conflito com correspondentes do jornal que, retamente, preferem o feminino, cuja liberdade não lhes foi tolhida, o responsável pela seção *Cartas dos Leitores* se arrima a um médico ilustre, que "sustenta que em francês, primeira língua em que foi registrada, em 1549, 'cólera', doença, é masculina, embora dicionários apontem a mesma raiz grega 'kolé' para as duas acepções. " O Globo opta pela grafia masculina (sic) para que fique claramente diferenciado o 'morbo', o mal, do caráter irascível da outra manifestação." (Edição de 22.05.91). Acrescente-se, ainda, que, também regida de preposição, **cólera** não se distingue pelo gênero: "Houve ali vários casos de cólera." (Dos jornais).
4. Veja-se o que, em suma, diz acatado autor: "CÓLERA. Pretendeu-se defender o gênero masculino desta palavra, na designação da doença. Opinaram a favor do feminino mestres, como J. Leite de Vasconcelos, C. Figueiredo, Ribeiro de Vasconcelos, G. Viana, etc. E prevaleceu este gênero. Portanto, a cólera (morbus), e não à francesa o cólera." (Vasco Botelho do Amaral, *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*, p. 123-4, Editora Educação Nacional – Porto, 1938).

\*\*\*